

Cenas de Apoio ou de Oposição ao Ataque Terrorista ao Jornal Francês *Charlie Hebdo* no Instagram¹

Julianna Nascimento TOREZANI²

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

O jornal francês *Charlie Hebdo* sofreu um ataque terrorista em janeiro de 2015, quando morreram 12 pessoas. O motivo alegado eram as charges criadas pelos desenhistas que tratavam da religião islâmica. Houve ampla cobertura midiática do fato, o que gerou grande repercussão nas redes sociais com as opiniões das pessoas através de textos e imagens. Tendo como objeto o atentado a partir do *corpus* com as imagens extraídas do *Instagram* o artigo busca tratá-las pela análise iconográfica. Para efeito metodológico foram escolhidas imagens com as *hashtags* #jesuischarlie e #jenesuispascharlie como elementos documentais. As fotografias e os desenhos encontrados, além do uso das *hashtags* indicaram as opiniões, considerando os vários aspectos do fato, o que gerou a concretização de uma esfera pública conversacional a partir de fotografias.

Palavras-chave: Ataque Terrorista; *Charlie Hebdo*; *Instagram*; *Je suis Charlie*; *Je ne suis pas Charlie*.

Considerações Iniciais

No dia 7 de janeiro de 2015 o jornal satírico francês *Charlie Hebdo* sofreu um atentado terrorista em Paris que culminou na morte de doze pessoas, entre elas cinco cartunistas: Charb (Stephanie Charbonnier), Cabu (Jean Cabut), Tignous (Bernard Verlhac), Philippe Honoré e Georges Wolinski. Esse atentado foi feito pelos irmãos franceses Saïd e Chérif Kouachi motivados por vingança por conta de charges publicadas pelo jornal sobre o profeta Maomé e líderes muçulmanos, o ato ocorreu durante a reunião de pauta da redação. Dois dias depois, pela ação da polícia francesa, os irmãos Kouachi foram mortos e no dia 11 de janeiro cerca de três milhões de pessoas na França, incluindo 47 chefes de Estado, fizeram uma manifestação contra o terrorismo, entre eles o presidente francês, François Hollande. A frase *Je suis Charlie* (“Eu sou Charlie”³) tornou-se símbolo de oposição ao terrorismo e de apoio ao jornal. Este fato amplificou a discussão sobre a liberdade de expressão e a diáspora na França, sobretudo em relação à religião islâmica.

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia no XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação na Universidade Federal de Pernambuco, em 2014-2015. Mestre em Cultura e Turismo e Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia. Professora de Fotografia da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: juliannatorzani@yahoo.com.br

³ Todas as traduções são de responsabilidade da autora do artigo.

Do dia do atentado em diante (em especial em janeiro e fevereiro) muitas pessoas manifestaram suas opiniões sobre o acontecimento, parte em apoio ao jornal francês e suas criações satíricas, defendendo a liberdade de expressão; outra parte contrárias aos posicionamentos do jornal e a forma como publicava questões culturais, sobretudo como tratava de religião, com destaque sobre os muçulmanos. Através das redes sociais na Internet, os indivíduos expressaram opiniões e sentimentos, entre elas pelo *Instagram* em foram publicadas inúmeras imagens. Vale ressaltar que esta rede social teve a marca em dezembro de 2014 de mais de 300 milhões de usuários ativos que compartilham mais de 60 milhões de fotografias por dia, de acordo com diretor-executivo Kevin Systrom⁴, o que gera um significativo número de imagens para os diferentes objetivos, entre eles como um espaço para expressar opiniões acerca dos acontecimentos em geral, como neste caso.

Tendo como tema as cenas de apoio e de oposição ao atentado, este artigo objetiva analisar tais imagens presentes no *Instagram*, do ponto de vista metodológico optou-se pela busca no próprio aplicativo através da consulta pelas *hashtags* #jesuischarlie e #jenesuispascharlie, resultando numa abordagem de análise documental e iconográfica. “Na análise iconográfica uma verdadeira ‘arqueologia’ do documento é empreendida. Duas linhas de análise multidisciplinares são sugeridas para a decodificação de informações explícitas/implícitas no documento fotográfico” (KOSSOY, 1999, p. 58).

O texto será dividido em três partes, a primeira visa recuperar as descrições midiáticas do atentado; no segundo momento serão analisadas pela abordagem iconográfica as imagens do *Instagram* com a *hashtag* #jesuischarlie; e na terceira parte com a *hashtag* #jenesuispascharlie. Como referencial teórico serão utilizadas as ideias de punição e poder de Michel Foucault (1987), de vigilância e ação em rede de Fernanda Bruno (2013), de *hashtag* de Carolina Figueiredo (2013), de performance de Marvin Carlson (2009), de pós-fotografia de Joan Fontcuberta (2014), de videosfera de Régis Debray (1993), de representação fotográfica de Boris Kossoy (1999), de imagem como transformação do real de Philippe Dubois (1993) e sobre o mundo das imagens por André Rouillé (2009).

O atentado ao jornal *Charlie Hebdo*

O semanário francês *Charlie Hebdo* foi criado em 1969 por Cavanna e Georges Bernier e funcionou até 1981, quando fechou por conta de problemas financeiros, mas foi relançado em 1992, apresenta um tom irreverente e polêmico ao tratar assuntos sobre

⁴ Fonte: <<http://instagram.com/about/us/>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

política, cultura e religião através de piadas, charges e caricaturas. Antes do atentado tinha uma tiragem de 50 mil exemplares por semana. Vários desenhos e textos publicados pelo semanário resultaram em processos jurídicos para o jornal. Iniciando em 2006 quando reproduziu 12 charges do profeta Maomé do jornal dinamarquês *Jyllands-Posten*, feitas pelo cartunista Kurt Westergaard, em protesto a violência contra a embaixada da Dinamarca. Este número vendeu mais de 140 mil exemplares e a partir deste momento a redação do jornal francês ganhou proteção policial. De 2009 até a data do ataque em janeiro deste ano o editor do jornal foi Stephanie Charbonnier (Charb) que dizia: “Aqui não proibimos nada. É o riso que decide. Tudo pode ser dito”.

Em novembro de 2011, a sede do jornal foi alvo de uma bomba por conta de uma capa que exibia uma charge de Maomé, o nomeando como editor-chefe da edição. Neste momento, o diretor Charb foi mantido sob proteção policial. Em setembro de 2012, foi publicado um desenho mostrando um judeu ortodoxo carregando um muçulmano numa cadeira de rodas, em que ambos diziam “Não ria”, além de outras caricaturas ao longo do ano, o que levou a polícia a passar a proteger a redação do jornal (Figura 1). Estas imagens foram criadas como protestos aos ataques nas embaixadas dos Estados Unidos no Oriente Médio, tendo como suspeita desses atos o lançamento do filme *A Inocência dos Muçulmanos* (com direção e roteiro de Nakoula Basseley Nakoula, lançado em 2012).



Figura 1 – Capa de 19 de setembro de 2012.
Fonte: <<http://leplus.nouvelobs.com/contribution/628420-charlie-hebdo-caricature-mahomet-le-blaspHEME-est-un-devoir.html>>.



Figura 2 – Última publicação do jornal antes do atentado.
Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571722-ultima-publicacao-do-jornal-charlie-hebdo-satirizava-lider-do-ei.shtm>>.

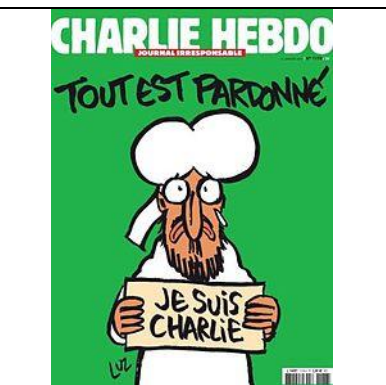


Figura 3 – Capa do jornal Charlie Hebdo após ataque.
Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1574159-primeira-capa-do-charlie-hebdo-apos-ataque-traz-maome-chorando.shtml>>.

Em janeiro de 2013, o *site* do *Charlie Hebdo* ficou fora do ar por algumas horas, por conta de ataques de *hackers*, no dia em que publicou uma história em quadrinhos sobre Maomé. Em janeiro de 2015, a última publicação antes do ataque foi uma sátira no

Facebook sobre Abu Bakr al-Baghdadi (autoproclamado califa do Estado Islâmico em 2014), no desenho feito por Honoré, o jornal deseja bons votos de Ano Novo e “sobretudo saúde” ao ‘califa’, (Figura 2). Desta forma, segundo analistas do atentado, o jornal provocava a ira dos líderes políticos e religiosos, já tendo dez processos da extrema-direita católica e um do islã.

Após todos esses acontecimentos a sede do jornal foi invadida em 7 de janeiro pelos irmãos franceses Kouachi, filhos de imigrantes argelinos⁵, armados de fuzis, estavam vestidos de preto e mascarados. Neste atentado foram mortas doze pessoas, os cinco cartunistas já citados, os dois policiais Franck Brinsolaro e Ahmed Merabet, o economista Bernard Maris, a colunista e psicanalista Elza Cayat, o corretor Mustapha Ourrad, o editor convidado Michel Renaud e o empregado da Sodexo, Frédéric Boisseau. A imprensa francesa divulgou que os atiradores procuravam os membros do jornal pelo nome e depois os executavam com tiros na cabeça. Para o filósofo francês Michel Foucault, estudioso das estratégias de vigilância, poder e punição afirma que na sociedade de soberania se buscava:

Calcular uma pena em função não do crime, mas de sua possível repetição. Visar não à ofensa passada mas à desordem futura. Fazer de tal modo que o malfeitor não possa ter vontade de recomeçar, nem possibilidade de ter imitadores. Punir será então uma arte dos efeitos; mais que opor a enormidade da pena à enormidade da falta, é preciso ajustar uma à outra as suas séries que seguem o crime: seus próprios efeitos e os da pena (FOUCAULT, 1987, p. 78).

Podemos enxergar nesta frase a ação dos terroristas quanto ao jornal satírico, em que a punição com a morte seria não apenas para os cartunistas daquele periódico, mas como emblema para que demais publicações não fizessem tais textos ou imagens sobre Maomé ou líderes muçulmanos. Punir profissionais de imprensa por si só já leva a visibilidade do ato e da forma como este atentado ocorreu, massacrando as pessoas com tiros na cabeça e matando um policial já ferido na calçada, demonstra por outro lado a estratégia visual que se coloca diante da situação. Foucault (1987, p. 87) esclarece que “a arte de punir deve portanto repousar sobre toda uma tecnologia da representação”.

Posterior ao atentado a polícia francesa começou a investigar quem havia feito o massacre e a buscar os responsáveis pelo ato (contando com 88 mil policiais, investigadores e agentes de forças de segurança de elite). Um suspeito deixou um documento de identificação em um carro de fuga abandonado, o que colaborou para a polícia descobrir

⁵ A Argélia é uma antiga colônia francesa na África.

quem eram os atiradores. No dia 9 de janeiro após o cerco de aproximadamente oito horas, os irmãos Kouachi foram mortos pelos policiais a tiros.

Os demais integrantes da redação do *Charlie Hebdo* anunciaram alguns dias após o ataque que o jornal iria continuar. A nova edição foi feita na redação do jornal *Libération* e teve uma tiragem de 7 milhões de exemplares, com tradução para seis idiomas e vendida em 26 países (a sede foi protegida por policiais enquanto os jornalistas trabalhavam). Na capa há um desenho do profeta Maomé chorando e segurando uma placa com a frase *Je suis Charlie*, como manchete está a frase *Tout est pardonné* (“Tudo está perdoado”, Figura 3). Patrick Pelloux, cronista do *Charlie Hebdo*, conta que na reunião de pauta:

Íamos fazer uma edição contra o racismo. Somos todos responsáveis por nosso país. Nós fazíamos humor. Eles mataram pacifistas e tolerantes, que caricaturavam todas as religiões da mesma maneira, sem ódio. Não podemos dizer que os assassinos são loucos, porque seria um insulto aos loucos. Charb, Cabu e Wolinski não desejariam que parássemos de trabalhar. Uma democracia sabe rir e sorrir. Uma ditadura não sabe rir nem sorrir⁶.

Por conta desse fato o governo francês junto com a polícia aumentou ao máximo o alerta de terrorismo no país, de acordo com o Ministro do Interior, Bernard Cazeneuve, em especial em estações de trem, templos religiosos, redações de jornais e prédios públicos, principalmente nos famosos pontos turísticos de Paris como a Torre Eiffel, isso gerou uma ‘onda’ de preocupação por parte dos muçulmanos que moram na França. O presidente François Hollande declarou luto oficial e afirmou que ainda há ameaças à segurança e a paz no país, pediu que todos se mantivessem vigilantes.

Muitas manifestações ocorreram nas ruas de várias cidades francesas e demais cidade europeias como Amsterdã, Bruxelas, Barcelona, Berlim e Londres, com pessoas segurando placas com a frase *Je suis Charlie*, como protesto ao ato terrorista e a defesa da liberdade de expressão. Em 11 de janeiro ocorreu a Marcha pela República em Paris com a presença de Hollande e demais líderes de Estado, entre eles Angela Merkel da Alemanha, o premiê britânico David Cameron, o primeiro-ministro italiano Matteo Renzi, o secretário geral das Nações Unidas Ban Ki-moon e milhares de pessoas. Vale lembrar que a última charge de Charb tinha como texto: “Até agora, nenhum atentado na França. Espere (*diz um soldado islâmico barbudo, armado de fuzil*), temos até o fim de janeiro para desejar votos”⁷. Na França, as pessoas desejam bons votos do novo ano até o fim do mês de janeiro.

⁶ Fonte: *Revista Época*, n.º. 866, 12 de janeiro de 2015.

⁷ Fonte: *Revista Época*, n.º. 866, 12 de janeiro de 2015.

Je suis Charlie

A pesquisadora Fernanda Bruno indica que a produção de imagens atualmente se dá por questões de vigilância, controle, aparato tecnológico e questões de subjetividade. O ver e ser visto tornou-se elemento comum pelas redes sociais, repletas de inúmeras imagens que tratam de situações pessoais e coletivas, da intimidade à sociabilidade.

[...] a integração de câmeras de fotografia e vídeo a dispositivos móveis de comunicação (telefones celulares, laptops, palmtops), associada à profusão de plataformas digitais de compartilhamento de conteúdo audiovisual, tornou possível uma ampla circulação de imagens de toda ordem, produzidas por uma multidão diversificada de indivíduos nos contextos e nas condições mais distintas. Uma série de questões de ordem estética, política social endereçam-se às dinâmicas de produção e circulação dessas imagens, marcadas por ambiguidades que embaralham circuitos do voyeurismo, do ativismo, da vigilância, do jornalismo, do amadorismo, da autoria etc. (BRUNO, 2013, p. 7-8).

Com essa ampla divulgação de imagens nas redes sociais, em especial *Facebook* e *Twitter*, as pessoas foram indicando seus posicionamentos. No *Instagram*, muitos desenhos e fotografias com textos indicavam apoio ou oposição ao *Charlie Hebdo*. No dia 7 de janeiro, as emissoras de televisão em muitos pontos no mundo fizeram a cobertura do acontecimento, bem como as agências de notícias internacionais.

A escolha do *Instagram* como a plataforma de análise se coloca por que é um aplicativo gratuito criado em outubro de 2010 exclusivamente para publicação de fotografias e vídeos curtos, todas as ideias ali exibidas utilizam o discurso imagético para expressão das pessoas ou instituições. Para efeito metodológico de análise desta pesquisa, as imagens do *Instagram* foram vistas através da ferramenta de busca em que optou-se pelo uso de *hashtags*. Para Carolina Figueiredo (2013, p.8), “as *hashtags* são palavras que ao serem antecedidas pelo símbolo # são convertidas em *hiperlinks*, tornando-se identificáveis por mecanismos de busca que permitem sua contabilização e listagem”. As *hashtags* funcionam como marcadores, até mesmo para retorno ao conteúdo além de ser uma consequência de uma estratégia de visibilidade na rede, em que são usados termos que existem ou novos termos criados pelos usuários em cada imagem.

Neste caso, foram escolhidas as *hashtags*: #jesuischarlie e #jenesuispascharlie. A escolha se deu pelo uso das expressões, as pessoas contrárias ao atentado fizeram cartazes com a frase *Je suis Charlie* e foram para as ruas nas manifestações com estes, na Internet as pessoas também utilizaram tal discurso, por outro lado os que apoiavam o ataque passaram a usar a expressão com a frase *Je ne suis pas Charlie* (“Eu não sou Charlie”). Deve-se, no

entanto, considerar dois pontos importantes para esta análise: primeiro que o uso de tais expressões nem sempre tratam diretamente do atentado e segundo outras *hashtags* foram utilizadas para indicar o tema. Mesmo assim estas frases tiveram destaque nos cartazes e nos prédios públicos assim como uma conexão entre os discursos das atividades que ocorreram nas ruas e no ciberespaço, o que se torna útil para a linha de corte do *corpus*.

O tratamento das imagens se deu pela abordagem iconográfica, como esclarece Kossoy (1999, p. 59) “busca-se, através da análise iconográfica, decodificar a realidade exterior do assunto registrado na representação fotográfica, sua face visível”. Pretende-se com esta abordagem revelar os significados que os elementos da imagem contêm, unindo o que está em quadro com o contexto do fato, ou seja, o extra-quadro.

A *hashtag* #jesuischarlie até a data de 24 de fevereiro de 2015 aparece com 1.220.081 publicações, muitas imagens são de: desenhos (caricaturas e charges) sobre o atentado utilizando em especial o lápis e as armas; fotografias das pessoas nas manifestações; capas do *Charlie Hebdo*; frases *Je suis Charlie* ou *Nous sommes Charlie* (“Nós somos Charlie”); fotos dos caricaturistas que foram mortos; monumentos franceses onde ocorreram manifestações; flores; local do atentado. Foram escolhidas algumas destas para análise, como exemplo desses grandes grupos de cenas publicadas⁸.

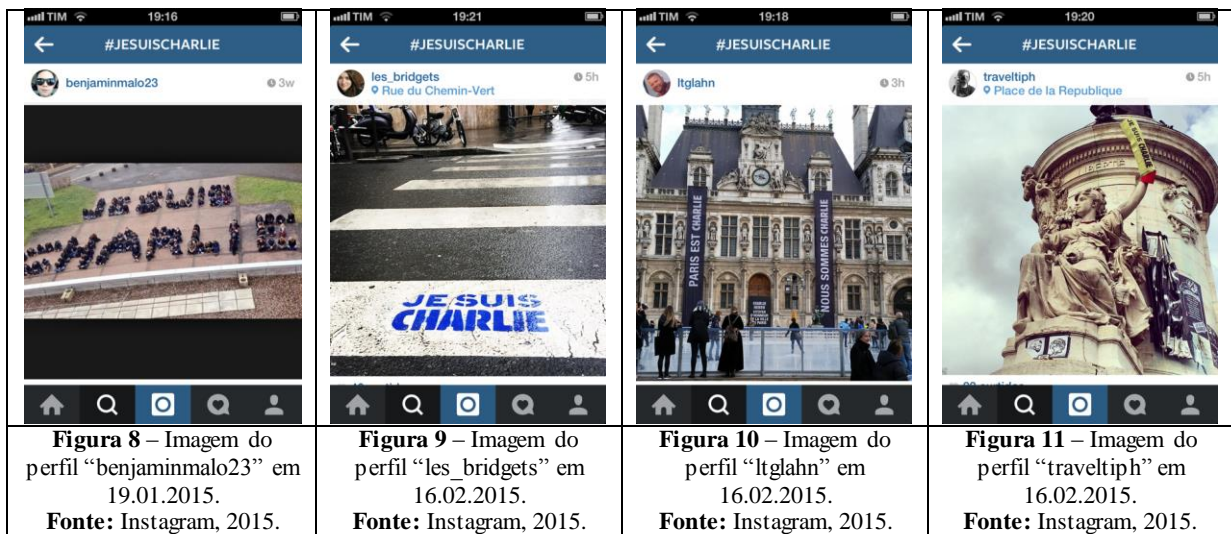


Neste primeiro grupo de imagens, temos como elemento comum o lápis. Na Figura 4 mostra o desenho da pomba branca como símbolo de paz carregando um lápis com pingos

⁸ Vale ressaltar que todas as imagens aqui expostas pertencem a perfis ‘públicos’ do *Instagram*, ou seja, não há restrição pela pessoa que criou o perfil para que as imagens sejam visualizadas.

em vermelho representando o sangue da morte de parte da equipe do jornal; desenhos como esse foram muitos comuns, o lápis aparece como uma homenagem e um ícone aos cartunistas mortos. O desenho da arma na Figura 5 possui, ao invés de balas de revólver, mais uma vez o lápis, a morte dos caricaturistas é também o tema da imagem. No desenho da Figura 6 aparece a data do atentado, o lápis na mira da arma e a pergunta “Por que?” em francês. A Figura 7 é uma fotografia de uma calçada com cartazes na parede, um lápis de grande proporção e flores, uma homenagem aos mortos; entre os comentários do perfil há a indicação que esta é a rua do jornal um mês após o atentado. Esses traços revelam como a síntese das caricaturas está sempre carregada de sentido. Muitos desenhistas de vários lugares do mundo produziram desenhos em homenagem a vítimas do atentado, entre eles o cartunista brasileiro Paulo Caruso (2015, p. 32) que afirmou:

O ataque terrorista que o jornal francês *Charlie Hebdo* sofreu na semana passada foi um choque para nós, desenhistas. O *Charlie* representa o tipo de cartum que serviu de inspiração para todos os desenhistas brasileiros. Nossos melhores cartunistas beberam naquela fonte. Essa corrente europeia inaugurou uma estética sofisticada e simples.



Neste segundo grupo de imagens o foco está na expressão *Je suis Charlie*. Pessoas agrupadas formando as letras da frase estão presentes na fotografia da Figura 8. Esta figura representa um grupo de imagens com a mesma composição, trazendo pessoas em gestos e/ou agrupamentos nas manifestações apresentando elementos performáticos, através da encenação de papéis, dos comportamentos e das ações presentes nas imagens. São elementos pessoais e sociais que são reconhecidos pelas pessoas porque criam identidades e marcas, como uma tentativa de desestabilização, pois está em movimento.

Reconhecer que nossas vidas estão estruturadas de acordo com modos de comportamento repetidos e socialmente sancionados levanta a possibilidade de que qualquer atividade humana possa ser considerada como performance, ou, pelo menos, que toda atividade é executada com uma consciência de si mesma (CARLSON, 2009, p. 15).

Nestas imagens a performance indica o estado de consciência de se está fazendo algo, construindo um discurso através da visibilidade do corpo, como estratégia de posicionamento e reconhecimento. Para Marvin Carlson (2009, p. 17), “desde que a ênfase esteja na performance e em como o corpo ou o *self* é articulado por meio da performance, o corpo individual permanece no centro de tais apresentações”. Assim, o corpo fotografado elabora uma enunciação política e estética, demonstrando uma intencionalidade, mesmo que nesta sempre esteja inserida a ideia de representação ao outro para guardar a imagem das pessoas por vários anos ou por um único momento (como nas *selfies* que tem como uma das características a efemeridade). Mas, a performance na fotografia é uma ação que vai além do corpo, incluindo cenário, trajes, poses, iluminação, enquadramento, angulação, que acionam do posicionamento do corpo às questões técnicas do dispositivo fotográfico, o que ocorre em muitas imagens (como a Figura 8) das manifestações sobre o atentado ao *Charlie Hebdo*, as pessoas formando as letras do nome do jornal através do posicionamento dos corpos. Na Figura 9 aparece a frase de apoio as vítimas pintada na faixa de pedestre da Rue du Chemin-Vert em Paris, o que também indica uma performance.

A Figura 10 traz a fachada do Hôtel de Ville (sede da administração municipal de Paris) com as faixas *Paris est Charlie*, *Nous sommes Charlie* e *Charlie Hebdo Citoyen d’Honneur de la Ville de Paris* (“Charlie Hebdo Cidadão Honorário da Cidade de Paris”) após o atentado ao jornal. Na Figura 11 está a fotografia da Place de La Republique no ângulo que aparece a palavra *Liberté* (“Liberdade”) e com a faixa da manifestação, um dos locais de protestos que ocorreram contra o atentado e o terrorismo. Nestas imagens ocorre à questão do lugar em via dupla, por um lado há a desterritorialização dos locais na França, em especial em Paris, onde monumentos, praças e prédios aparecem nas imagens colocadas para difusão global pela rede, como ocorre também a questão da territorialização, em que os locais onde aconteceram tais ações coletivas são pontos importantes do mundo, sempre cidades de importante visibilidade. Assim, de uma maneira geral essas cenas sugerem a visibilidade das pessoas e dos ambientes presentes nas imagens, de acordo com Foucault (1987, p.171) “a máquina de ver é uma espécie de câmara escura em que se espionam os indivíduos; ela torna-se um edifício transparente onde o exercício do poder é controlável

pela sociedade inteira”. Neste caso, as cenas são vistas pelo *Instagram*, numa estratégia de visibilidade da ação, do local e das pessoas.

Todas estas imagens, como um fragmento das mais de um milhão que foram publicadas, trazem homenagens às pessoas mortas no jornal, em muitas estão presentes a frase *Je suis Charlie* e, ao mesmo tempo, discutem a questão da liberdade de expressão. Quando trata da pós-fotografia Joan Fontcuberta (2014) no texto *Por um manifesto pós-fotográfico* afirma que:

Isto nos imerge num mundo saturado de imagens: vivemos na imagem e a imagem nos vive e nos faz viver. [...] O crucial não é que a fotografia se desmaterialize convertida em bits de informação, mas sim como estes *bits* de informação propiciam sua transmissão e circulação vertiginosa (FONTCUBERTA, 2014).

Essa grande quantidade de imagens em uma rede social se dá pela praticidade que hoje existe de produção e publicação de fotografias, no *Instagram*, muitas cenas foram feitas com câmeras presentes em aparelhos de telefonia celular, que traz portabilidade, rapidez e baixo custo nesta ação. Com isso também estamos em um momento que, além da tecnologia digital possibilitar esses inúmeros registros, da era visual chamada por Régis Debray (1993) de videosfera, as imagens ganham difusão global através da rede e está ligada aos acontecimentos, mesmo que pessoais, é assim uma fase de intenso ritmo de produção imagética e opera, muitas vezes, de forma efêmera. Ao navegar pelo *Instagram*, logo após as primeiras notícias do atentado em 7 de janeiro, já era possível visualizar os desenhos e as fotografias sobre o tema, de forma constante e rápida estas cenas ocuparam os perfis dos usuários que colocavam suas opiniões.

Je ne suis pas Charlie

Assim como as pessoas que se colocaram contra o atentado ao jornal *Charlie Hebdo*, outras pessoas vão também utilizar o *Instagram* indicando seus posicionamentos para discutir o que causou tal tragédia. Ao contrário da expressão *Je suis Charlie* como frase de apoio às vítimas do atentado surgiu o uso da *hashtag* #jenesuispascharlie, em que até a data de 24 de fevereiro de 2015 contaram 17.884 publicações, o que corresponde a cerca de 1,5% das outras imagens que usaram a *hashtag* #jesuischarlie.

Estas imagens mostram: frases e textos sobre islamismo e islamofobia; caricaturas; painéis com textos; manifestações das pessoas nas ruas; mesquitas e muçulmanos; frases como *Je ne suis pas Charlie*, *Je suis muslim* (“Eu sou muçulmano”) e *I love prophet* (“Eu

amo o profeta”) em fundo preto; pessoas feridas e mortas, em destaque três jovens muçulmanos nos Estados Unidos. A partir destes temas foram escolhidas algumas imagens para análise que também aparecem em perfis ‘públicos’ do *Instagram*.

			
<p>Figura 12 – Imagem do perfil “our_prophet_our_honour” em 09.02.2015. Fonte: Instagram, 2015.</p>	<p>Figura 13 – Imagem do perfil “americanabayaco” em 09.02.2015. Fonte: Instagram, 2015.</p>	<p>Figura 14 – Imagem do perfil “multinational_girl” em 09.02.2015. Fonte: Instagram, 2015.</p>	<p>Figura 15 – Imagem do perfil “Justine_susu” em 12.01.2015. Fonte: Instagram, 2015.</p>

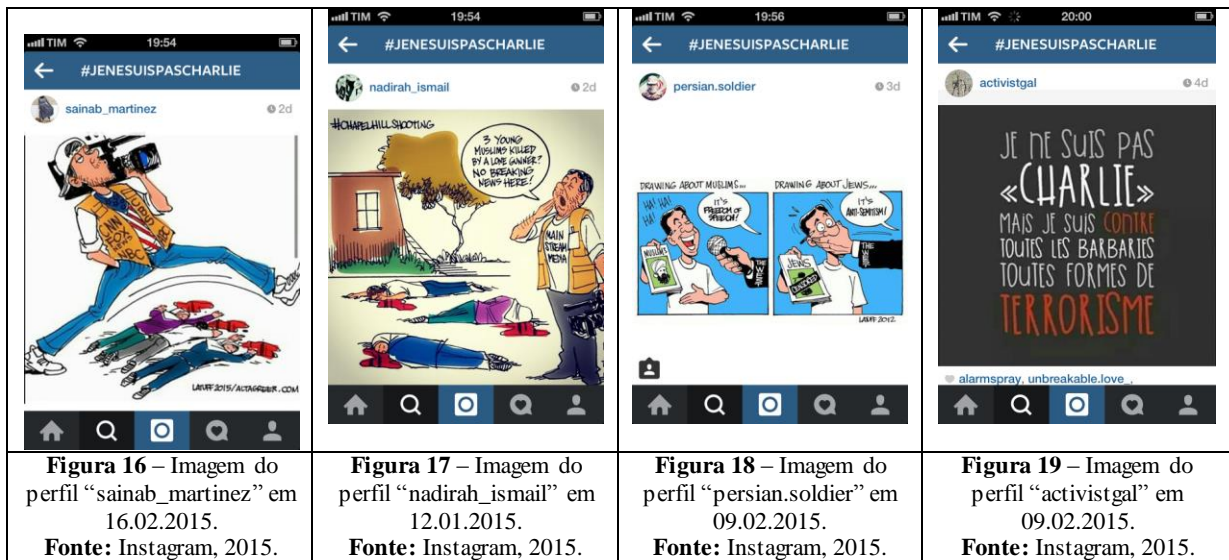
A primeira cena (Figura 12) traz a frase *I love prophet Muhammad* tendo ao fundo um jarro de flores, as cores são suaves e em muitas destas imagens aparece a *hashtag* #IamnotCharlieHebdo (“Eu não sou Charlie Hebdo”). Na cena seguinte encontramos os textos *Je suis un enfant syrien mort de froid*, uma expressão em árabe e *I am a Syrian child dying from cold*, as expressões indicam “Eu sou uma criança síria morrendo de frio” em um fundo escuro (Figura 13). Um mosaico com 9 fotografias de crianças segurando cartazes aparece na Figura 14 com as seguintes frases: *Je marche seul* (“Eu ando sozinho”), *J’ai aussi un nom* (“Eu também tenho um nome”), *J’existe* (“Eu existo”), *Je suis un enfant* (“Eu sou uma criança”), *Je suis opprimé* (“Eu sou oprimido”), *Je suis démuné* (“Eu sou impotente”), *Je suis palestinien* (“Eu sou palestino”). As fotografias mostram ao fundo um cenário árido, com areia, pedra, lama, barracas e as crianças com roupas de frio.

A Figura 15 mostra o desenho de uma arma (fuzil) com o texto *Ceci n’est pas une religion* (“Isto não é uma religião”), em analogia à obra do artista belga René Magritte com a tela *A traição das imagens* (1928) com o desenho do cachimbo com a frase *Ceci n’est pas une pipe* (“Isto não é um cachimbo”), uma leitura dessa cena permite indicar que a religião não está ligada a violência e não é feita pelo uso de armas.

O que todas estas imagens têm em comum é a questão da representação e do simbolismo. Para Boris Kossov (1999, p. 43), “a representação fotográfica é uma recriação

do mundo físico ou imaginado, tangível ou intangível; o assunto registrado é produto de um elaborado *processo de criação* por parte de seu autor”. Nessa criação as frases e as fotografias das crianças evocam um outro discurso, ao mesmo tempo que reagem diante do atentado pelo uso da *hashtag*, demonstram aspectos que servem para indicar opinião de “apoio” ao ato como a questão religiosa, no que confere respeito, a forma como as crianças islâmicas são mostradas e que não tem visibilidade em relação as suas demandas sociais, indicando pelos cartazes impotência e opressão.

Segundo Philippe Dubois (1993, p. 53), “qualquer imagem é analisada como uma interpretação-transformação do real, como uma formação arbitrária, cultural, ideológica e perceptualmente codificada. [...] A foto é aqui um conjunto de códigos, um *símbolo* nos termos peircianos”. A imagem é uma representação de algo, neste caso, as imagens representam elementos do mundo muçulmano, como a devoção religiosa e a falta de visibilidade aos problemas das crianças no mundo.



Na Figura 16 a imagem faz referência a morte de três jovens estudantes muçulmanos na Carolina do Norte, nos Estados Unidos, que ocorreu em 10 de fevereiro de 2015, pouco mais de um mês após o atentado na França. Deah Barakat, Yusor Mohammad Abu-Salha e Razan Mohammad Abu-Salha foram mortos pelo vizinho chamado Craig Hicks. No *Instagram* além da *hashtag* #chapelhillshooting (Chapel Hill Shooting) também foi usada a *hashtag* #jenesuispascharlie para este acontecimento. Na imagem, o cinegrafista está com um colete com as seguintes expressões “CNN, Fox News, NBC, CBS e ABS”, que são grandes empresas de comunicação dos Estados Unidos e que possuem canais de televisão.

A caricatura indica que não houve a mesma cobertura midiática em relação ao atentado ao jornal francês e, assim, não teve a mesma repercussão.

A Figura 17 refere-se ao mesmo fato, nesta há a frase *3 young muslims killed by a lone gunman? No breaking news here!* (“Três jovens muçulmanos mortos por um atirador solitário? Sem notícias de última hora aqui!”), na camisa do cinegrafista tem a expressão *Main stream media* (“Grande mídia”). As pessoas utilizaram da mesma *hashtag* usada no atentado na França para apontar este fato ocorrido nos Estados Unidos. Se por um lado houve grande cobertura em relação ao ataque, na morte dos jovens houve uma pequena cobertura e com mínima repercussão, discutindo assim de que maneira a mídia trata as questões quando envolvem os muçulmanos.

Ainda no que envolve uma crítica ao tratamento dado de como os aspectos islâmicos são tratados pela mídia a Figura 18 mostra dois quadros em que no primeiro tem a chamada *Drawing about muslims* (“Desenho sobre muçulmanos”) e o texto do apresentador *It's freedom of speech!* (“Isso é liberdade de expressão”) e no segundo quadro tem a chamada *Drawing about jews* (“Desenho sobre judeus”) e o texto do apresentador *It's anti-semitism!* (“Isto é anti-semitismo”). Nesta comparação entre as religiões, a questão histórica por conta da Segunda Guerra Mundial indica o sentido da charge, se por um lado ao tratar da religião islâmica é considerado por muitas pessoas e instituições como liberdade de expressão, por outro ao fazer textos em relação a religião judaica é considerado preconceito, uma vez que houve uma grande guerra que entre outros motivos encontra-se o extermínio do povo judeu. Essa imagem evoca uma crítica e o senso de respeito que deve ter pelas diferentes religiões.

A Figura 19 apresenta o seguinte texto em francês *Je ne suis pas 'Charlie' mais je suis contre toutes les barbares toutes formes de terrorisme* (“Eu não sou 'Charlie', mas eu sou contra todas as formas de terrorismo todas as barbaridades”), essa é uma opinião interessante, já que o autor ao mesmo tempo que não está de acordo com as charges publicados pelo jornal francês, se coloca contra ao terrorismo, este tipo de discurso foi frequentemente encontrado nas publicações sobre o atentado.

Neste sentido, é interessante observar a frase de André Rouillé (2009, p. 145) quando indica que “ao mundo das coisas sucede o das imagens, e as próprias imagens tendem a tornar-se mundo”. Assim, os fatos e suas representações somam-se e dialogam amplamente, o atentado terrorista passou, o jornal *Charlie Hebdo* continua sendo publicado com uma equipe reduzida e tem como novo diretor Laurent Sourisseau, conhecido como Riss, que também foi ferido durante o ataque, o número de assinantes subiu de 10 mil para

220 mil⁹. Desta forma, o que ficou foram as imagens, tanto as produzidas pelos cartunistas que desencadearam a ação, quanto as imagens de apoio ou de oposição ao atentado, sendo que há mais de um milhão delas no *Instagram*.

Considerações Finais

O que se extrai dessa análise iconográfica das publicações do *Instagram* é que exprime uma esfera conversacional através de imagens, acionada por fotos, colocadas pelos usuários do aplicativo a partir de suas opiniões acerca do atentado. Na definição de Charb, o *Charlie Hebdo* é um jornal “engajado, de esquerda, antirreligioso, sobretudo ateu, laico, às vezes militante”. Além da religião islâmica, o semanário também criou charges sobre outras religiões, além de questões políticas. O *slogan* do jornal indicava a seguinte frase “jornal irresponsável”. O respeito à todas as religiões é algo fundamental para a paz entre os povos, assim como o respeito a manifestação do pensamento, mesmo que incorretamente o jornal tenha tratado de questões religiosas de forma polêmica, não se justifica matar as pessoas por isso, há outras formas de ação na busca de reparação por tais atos. Os atiradores mascarados gritavam após matar as pessoas *Allah Akbar* (“Alá é grande”), “Vigamos o profeta Maomé”, “Matamos Charlie Hebdo”.

Os dois grupos de imagens analisados pela utilização das *hashtgs* #jesuischarlie e #jenesuispascharlie trazem importantes elementos simbólicos, enquanto os de apoio ao jornal tratassem quase sempre do ato em si, através de imagens de protesto, o outro grupo tratava da religião islâmica, indo além do atentado terrorista, bem como trazendo novos atos, como a morte de jovens muçulmanos nos Estados Unidos. Outro dado interessante é que parte das pessoas que usaram a *hashtag* #jenesuispascharlie não apoiava a postura do jornal no tratamento dos temas, mas também não apoiavam o ato terrorista que culminou na morte das pessoas. O uso das *hashtags* junto com as imagens trouxeram diversas opiniões das pessoas, que suscitaram importantes debates na rede, além de ampliar a visibilidade de tais imagens. Para a pesquisadora Fernanda Bruno, de acordo com a teoria do ator-rede de Bruno Latour¹⁰, o indivíduo ao está conectado em rede mantém:

Ações que jamais são individuais, mas coletivas e reticulares em pelo menos dois sentidos. Primeiramente, quanto à origem, que nunca é isolada ou pontual: nunca

⁹ Fonte: Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, < <http://www.sjpmg.org.br/2015/06/diretor-do-charlie-hebdo-discutira-liberdade-de-expressao-no-congresso-da-abraji/>>.

¹⁰ Bruno Latour (2010, p. 2): “the notion of network is of use whenever action is to be redistributed” (“o conceito de rede é que a ação sempre é redistribuída”). Fonte: LATOUR, Bruno. **Networks, Societies, Spheres: Reflections of an Actor**. Bruno Latour. 2010. Disponível em: <<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/1094/558>>. Acesso em: 09 out. 2014.

agimos sós, somos acionados por ações de outrem e, quando agimos, outros passam à ação. Segundo, quanto aos seus efeitos, que nunca se limitam às intenções e objetivos de quem age, ultrapassando-os e produzindo deslocamentos imprevistos, diferindo o curso dos acontecimentos ou o estado de coisas. Desta forma, a ação é sempre distribuída, em rede (BRUNO, 2013, p. 20).

O que ocorreu no *Instagram* foram estas ações coletivas, uma imagem impulsionou que surgissem outras imagens e com diferentes opiniões, as pessoas ao se colocarem diante do fato, revelaram seus modos de ver e se expressaram através da rede, redistribuindo os conteúdos e suas intenções, ao apoiar o jornal, ou ao apoiar o ato terrorista, ou não apoiar nenhum dos dois. Assim, o *Instagram* permite ser esse espaço de visibilidade e interação. Neste caso, também demonstra um outro aspecto a ser colocado: a fotografia sempre deflagrou processos de opinião pública, mas atrelada e dependente de estruturas editoriais da grande mídia; agora houve um deslocamento da esfera conversacional em dois eixos, primeiro gerado a partir de imagens em modo documental e performático e segundo que esse movimento se organiza fora dos sistemas da mídia massiva, portanto, são processos de visibilidade pós-massiva, gerando uma nova dinâmica de diálogo sobre os fatos.

Referências

- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013. (Coleção Cibercultura).
- CARLSON, Marvin. **Performance: uma introdução crítica**. Tradução de Thais Flores Nogueira Diniz, Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente**. Tradução de Guilherme Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. Título original: Viet et mort de l'image – Une histoire du regard en Occident.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1993. (Coleção Ofício de Arte e Forma). Título original: L'acte photographique et autres essais.
- FIGUEIREDO, Carolina D. Saímos do facebook #soquenão: sobre os discursos que circularam no Facebook e os cartazes levados às ruas nos protestos de junho de 2013. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v. 28, n. 1, p. 53-73, jan/jun, 2013 (Dossiê Temático). Disponível em: <<http://periodicos.funda.gov.br/index.php/CAD>>. Acesso em: 04 dez. 2014.
- FONTCUBERTA, Joan. Por um manifesto pós-fotográfico. In: **Revista Studium**. N. 36, julho de 2014. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/36/7/index.html>>. Acesso em: 29 jul. 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 27 ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987. Título original: Surveiller et punir.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia, SP: Ateliê Ed., 1999.
- ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. Tradução de Constancia Egrejas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009. Título original: La photographie.